

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

ADOLESCÊNCIA COMO TEMPO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO: O JOVEM DO ENSINO MÉDIO À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Angela Cristina Bonissoni Kroth¹

Solange Maria Alves²

Eixo temático: Organização e Práticas Educativas na Educação Básica

Antes de tudo, esclarecemos que as reflexões e escritas aqui contidas fazem parte de uma pesquisa em andamento, não nos permitindo no presente momento destacar pontos específicos de uma pesquisa já concluída, como a discussão dos resultados e considerações finais. Entretanto, ela traz à tona importantes reflexões e questionamentos quanto ao objeto de estudo, neste caso, o Ensino Médio sob a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano.

Última etapa da Educação Básica, o Ensino Médio provocou e, mais do que nunca, ainda provoca debates acalorados e controversos. Historicamente, esta etapa de ensino foi preterida, rechaçada, desde a sua implantação até a contemporaneidade. Ao longo de seu percurso vem buscando sua singularidade, sendo muitas vezes entendida de forma antagônica, contraditória, por vezes é vista como uma fase preparatória para o Ensino Superior, e, em outra, definida como uma instrução a serviço das demandas do mercado de lógica neoliberal como forma hegemônica de organização das relações de trabalho, produção e distribuição das riquezas materiais e simbólicas. Logo, uma lógica alicerçada na desigualdade de toda ordem. Este dualismo entre a formação acadêmica e profissional, aliado as inúmeras reformas inoperantes e equivocadas realizadas até o presente momento, fez do Ensino Médio, corroborando com Gomes, Vasconcelos e Coelho (2018), “um corpo ambíguo”, sem uma definição clara e objetiva que, segundo os mesmos autores, é marcado por concorrências na

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Contato: angelabonissoni3@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atua como docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). É orientadora deste projeto. Contato: solange.alves@uffs.edu.br.

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

política educativa entre diferentes correntes. Isso porque cada governo “estabelece suas bandeiras marcando nomes e posições”, conflitando valores proclamados e valores reais, sendo que a falta de “orquestração” leva as reformas a serem um “arremedo, ficando no papel, não raro patrocinadas por governos passageiros, em vez do Estado, [...] causando um ceticismo de escolas e educadores, na base, pela falta de raízes” (Gomes; Vasconcelos; Coelho, 2018, p. 47).

O esperado seria que todas as ações desenvolvidas fossem plausíveis, conectadas e coerentes, improvisos e soluções paliativas não poderiam ser possíveis dentro da educação, visto que somente vem dificultar a já delicada “crise de pertencimento social”, que, de acordo com Gadotti (2013), a escola vem passando, provocando a busca de estratégias reflexivas sobre seu papel social e sobre a qualidade do ensino.

Neste cenário controverso está o jovem, adolescente, estudante do Ensino Médio, que, na maioria das vezes, já é um trabalhador, que está vivenciando sua juventude e passagem para a vida adulta dentro do mercado de trabalho. Estas juventudes vêm passando por intensas mudanças marcadas por experiências próprias a partir de diversos conhecimentos sociais, são seres humanos historicamente situados temporalmente, que trazem consigo uma identidade singular e que, como tal, também possuem um desenvolvimento social, biológico e de maturação único, que necessita ser estudado, entendido e trabalhado. Não é concebível que o Ensino Médio seja visto apenas como um findar de ciclo, um aglomerado de disciplinas, ou ainda, um expressivo agrupamento de adolescentes cheios de incertezas, hesitações, indecisões, os comumente chamados “aborrecentes”, vistos como uma etapa do desenvolvimento humano basicamente biológica e natural.

Temos assistido e vivenciado, há muito tempo, uma espécie de abandono da juventude e da educação escolar dessa juventude. Em termos gerais, uma educação escolar mais afinada com a lógica liberal de mercado do que com a concreticidade histórica da vida humana, liderando um discurso que, ao tempo que cria ilusões acerca da vida jovem, sustenta um conjunto de políticas educacionais que sugerem uma relação direta do currículo escolar com o trabalho ou com o mundo do trabalho. Mais recentemente vemos esse movimento na



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

reestruturação do Ensino Médio que, no âmbito ideológico, promete ao jovem uma autonomia que, na ação efetiva, não opera. A promessa de escolher a profissão e cursar estudos voltados para esta profissão se expande com um viés que, arriscaríamos dizer, corroborando com Kosik (1995), “fetichiza o real”, atuando na produção de imagens psíquicas distorcidas da realidade objetiva. Um discurso que se traduz em política para um Ensino Médio formador de um trabalhador alienado, desapropriado de saberes fundamentais para o seu desenvolvimento como gênero humano. Essa lógica da formação de jovens estudantes para o mundo do trabalho no âmbito do Ensino Médio vai ao encontro de uma visão neoliberal de sociedade que não está preocupada com a formação humana de seus jovens, mas com a produção de uma massa de trabalho que, no final, não encontra lugar no mundo dos ofícios altamente concorridos e tecnologizados. De outro lado, verificamos visões, concepções de adolescência orientando relações sociais e processos pedagógicos fundados na ideia de que este é o tempo da “aborrecência”, que esses jovens compõem a geração “nem, nem” ou o “mi mi mi” da preguiça que “naturalmente” faz parte da idade. Esses dois elementos que se interpenetram perpassam os processos e as práticas pedagógicas com jovens adolescentes e, em geral, naturalizam relações e organização de ações educativas.

Na coordenação pedagógica no âmbito do Ensino Médio, em escola pública estadual catarinense, temos vivenciado esses processos e as contradições inerentes às políticas públicas para este tempo da escolarização. Neste contexto, testemunhamos as aspirações, angústias, dúvidas, desejos, medos e inseguranças de jovens entre 15 e 18 anos. Neste contexto local, mas articulado e em reciprocidades contraditórias com contextos sociais, políticos e ideológicos mais amplos, vemos meninos e meninas querendo se encontrar, mas, ao mesmo tempo, sem saber ao certo qual é esse encontro. Se eles se revoltam, questionam, teimam, é porque são “aborrecentes”; se silenciam e se deprimem, então estão com “mi, mi, mi”; se tem dúvidas sobre seu futuro ou pouca clareza de um projeto de vida a seguir, são uns “nem, nem”. São posturas, comportamentos, personalidades, quase sempre objetivadas pejorativamente e no escopo de visões naturalizantes do ser humano que negligenciam as condições históricas e sociais nas quais se subjetivam esses jovens. Condições que podem



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

estar na origem e constituição do jovem “nem, nem”, que, desde uma perspectiva histórico-cultural, é um ser que vai se objetivando como gênero humano numa lógica de sociedade que não lhe oferece condições efetivas para desenvolver-se. Ou seja, é uma sociedade “nem, nem” que gera o jovem “nem, nem”. Frente a isso, passamos a nos ocupar com o tema da adolescência e da juventude do Ensino Médio, indagando sobre a situação, o contexto e o papel da escola neste cenário. Quem são esses sujeitos? O que é a adolescência e a juventude para além de visões naturalizantes? Como pensar processos formativos para com e esses sujeitos? Que tempo é esse? É natural esse comportamento? Ou é produto da complexa teia social? E se tomarmos a adolescência como tempo histórico-cultural de desenvolvimento do psiquismo humano, teríamos outros reflexos no âmbito da prática pedagógica com esses adolescentes? Se, como nos ensina a Teoria Histórico-Cultural, o gênero humano é produto da complexa teia de relações sociais produzidas por ele mesmo, se a humanidade é o resultado de apropriações de objetivações sociais inerentes aos artefatos materiais e simbólicos (trabalho e linguagem), podemos pensar e propor uma educação escolar para a juventude compreendida como humanidade construída, construindo e em construção? Se a humanidade é produto da história, o que em nós é natureza? E o que dessa natureza determina o ser adolescente? E como se dá a relação natureza e cultura? E como a educação escolar de jovens adolescentes pode se estruturar a partir dessa compreensão? O que motiva efetivamente a educação escolar no âmbito do Ensino Médio?

Questões como essas estão na origem da problemática que ocupa esta pesquisa. Desde uma reflexão sobre a prática pedagógica com adolescentes do Ensino Médio, na qual nos defrontamos com desafios reais de implementação de políticas e processos pedagógicos, até e a partir do contato com a Teoria Histórico-Cultural de desenvolvimento humano, indagamos sobre outras possibilidades de conceber a juventude e organizar processos educativos com e para uma juventude concreta, historicamente e culturalmente produzida. Essas problematizações foram se colocando na medida do aprofundamento de estudos no escopo da Teoria Histórico-Cultural no âmbito do Gepevi³, pelos componentes curriculares da pós-

³ Grupo de Estudos e Pesquisa Escola de Vigotski da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

graduação *stricto-sensu*, nas explicações docentes, nos debates e nas reflexões com os pares. Assim, entre os desafios da coordenação pedagógica vivenciada com o Ensino Médio e o estudo da Teoria Histórico-Cultural, constitui-se o objeto de pesquisa traduzido na pergunta: Que contribuições a Teoria Histórico-Cultural traz para pensar uma organização pedagógica objetivada a um Ensino Médio compreendido como tempo e espaço de desenvolvimento humano? Esta é a problemática central da pesquisa, indagação que pretendemos responder no decorrer do desenvolvimento da dissertação.

Nosso objetivo é compreender o desenvolvimento humano com base nos fundamentos da Teoria Histórico-Cultural com foco na adolescência e início da idade adulta, evidenciando as contribuições que a Teoria Histórico-Cultural pode ofertar para a organização pedagógica no âmbito do Ensino Médio. Entender estes processos de transformações pelos quais passam os jovens no decorrer de seu desenvolvimento histórico, que floresce por meio de suas atividades sociais, analisando essas relações a partir de uma abordagem histórico-cultural, a fim de contribuir com os estudos relacionados à psique humana no contexto contemporâneo e, por consequência, a possíveis adequações aos processos pedagógicos escolares, é o que justifica a relevância desta pesquisa. É devido a esse entendimento de que os seres humanos são produto e produtores da história que se deu as escolhas teórico/metodológicas e o engajamento na linha dois de pesquisa da UFFS – Formação de Professores: conhecimentos e práticas educacionais –, justamente por aprofundar-se acerca da formação dos docentes, molas mestras do trabalho desenvolvido na escola, investigando suas bases teórico-metodológicas, a relação com seus saberes e práticas educacionais desenvolvidas dentro dos educandários.

Metodologicamente, esta pesquisa fundamenta-se na base filosófica e epistemológica da Teoria Histórico-Cultural de desenvolvimento humano, cuja matriz de referência é o materialismo histórico-dialético, orientada por princípios epistemológicos como: o objeto em movimento, em relação e em contradição; o pensamento analítico como resultado do movimento intelectual de apreensão do objeto (em pensamento desorganizado, caótico, sincrético), passando pela análise (estudos, aprofundamentos, complexificações entre ponto de partida e de chegada do objeto), chegando à síntese compreendida como compreensão das



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

múltiplas determinações que compõem o objeto em sua concreticidade. Como explica Palangana (1998), ao se referir ao método do materialismo histórico-dialético na produção do conhecimento:

[...] o pensamento deve tomar como ponto de partida e igualmente de chegada, a prática social de seres humanos historicamente situados. Assim, o trabalho de análise parte, necessariamente, de um todo (práxis) ainda desarticulado, incompreendido que nominamos concreto imediato, pela mediação teórica e de sucessivas aproximações, alcançar a síntese ou o concreto pensado (Palangana, 1998, p. 104).

É o que pretendemos realizar no processo de apreensão do objeto em tela, trazendo, na síntese, elementos da vivência de processos pedagógicos e práticas sociais com a adolescência no Ensino Médio e, na síntese, com base na mediação da Teoria Histórico-Cultural, alcançar elementos de compreensão da adolescência e das possibilidades da educação escolar com este período do desenvolvimento humano, ampliando a reflexão sobre o papel da educação escolar, observando adolescência e educação escolar como um concreto pensado.

No âmbito da Teoria Histórico-Cultural propriamente dita, Vigotski nos orienta, com base no método do materialismo histórico-dialético, que a análise de processos psicológicos de desenvolvimento humano, não podem ser tomados como coisas fixas, como objeto fixo a ser meramente decomposto, sem dinâmica. Ao contrário, requer uma exposição dinâmica com base nos processos históricos, não estáticos. Isso requer do pesquisador uma postura crítica e radical no sentido de ir à raiz e reconstruir a origem dos elementos centrais envolvidos no objeto; um segundo princípio trata da descrição *versus* explicação. Não basta descrever um fenômeno a partir de sua aparência, é preciso apreendê-lo, compreendê-lo. Implica em estudar o objeto a partir do desenvolvimento, revelando sua gênese e produzindo síntese sobre ele, ou seja, explicá-lo como fenômeno histórico. Outro princípio trata do comportamento fossilizado, que, segundo Palangana (1998), é aquele automatizado, fixado na aparência do objeto. Neste caso, nos parece ter a ver com as concepções sobre a adolescência e o trato pedagógico com ela.

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

Em termos procedimentais, esta pesquisa assume um caráter de pesquisa bibliográfica, ocupada do estudo aprofundado das temáticas envolvidas no problema. A pesquisa bibliográfica é, segundo Gil (2002, p. 44), “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos, teses e dissertações científicas”. E é justamente nestes materiais que esta pesquisa se estrutura.

Em termos instrumentais, podemos sinalizar que a organização da pesquisa se fará pela produção de fichamentos a partir de categorias centrais da Teoria Histórico-Cultural voltadas para a compreensão da adolescência como período do desenvolvimento humano como fenômeno que se dá na unidade dialética entre natureza e cultura. Assim, categorias como história do comportamento humano, trabalho, linguagem e consciência na perspectiva marxista e vigotskiana, educação escolar e desenvolvimento humano, entre outras, constituem conjuntos prévios de busca e de estudo. Outra possibilidade é a produção de matriz de referência a partir de categorias advindas do estudo.

Uma primeira parte da pesquisa irá se ocupar de refletir sobre o período específico do desenvolvimento humano dentro da adolescência, dentro deste tempo e sobre bases materiais para compreender a juventude que constitui e se constitui também no âmbito das relações escolares. Para dar conta (ao menos em parte) deste desafio, teremos estudos aprofundados como fundamento matriz no escopo da Escola de Vigotski (Vigotski, Luria, Leontiev, Rubinstein, Davidov, Elkonin, Zaporozhts, entre outros), de comentadores como Newton Duarte, Lígia Martins, Marilda Facci, Angel Pino e Rômulo Abrantes, e outros ocupados em pensar a periodização do desenvolvimento humano à luz da Teoria Histórico-Cultural com elementos para pensar o papel da educação escolar.

Na segunda parte proporemos uma reflexão sobre a escola e a educação escolar em uma perspectiva histórico-cultural de desenvolvimento do psiquismo humano, no diálogo com pedagogias mediadoras dessa concepção psicológica no âmbito da organização dos processos de ensinar e de aprender característicos da educação escolar. Mais especificamente, nos ancoraremos na pedagogia histórico-crítica; crítico-social dos conteúdos e na pedagogia freireana, entendidas como pedagogias mediadoras da psicologia histórico-cultural. Para esta

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

parte abordaremos estudos de Saviani, Libâneo e Freire como matrizes dessas pedagogias; ainda, de comentadores como Duarte, Martins, Longarezi, Puentes, Gadotti, e outros não menos importantes, constituem aportes fundamentais para a reflexão, produção e sínteses em torno do objeto que nos ocupamos.

Muito embora não seja possível objetivar resultados dado que se trata de pesquisa em andamento, é plausível, desde já, sinalizar a expectativa de que este trabalho resulte em dar visibilidade acerca das contribuições que a Teoria Histórico- Cultural possa dar para o trabalho educativo escolar com adolescentes no âmbito do ensino médio, possibilitando assim ofertar uma organização pedagógica diferenciada a este nível de ensino.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano. Teoria Histórico-Cultural. Adolescência. Ensino Médio. Formação de Professores.

REFERÊNCIAS

DAMASCENO, Benito Pereira. Contribuições dos estudos de autores soviéticos para a psicologia e a neurociência cognitiva contemporâneas. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 40, n. 111, p. 156-164, maio/ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC.246602>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/vGJJRXcpnXHwjwwRFYfYgDJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2024.

DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

DUARTE, Newton. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuições à teoria histórico crítica do currículo**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

DUARTE, Newton. Vigotski e a pedagogia histórico-crítica: a questão do desenvolvimento psíquico. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 1, p. 19-29, jan./abr. 2013. DOI: <https://doi.org/10.14572/nuances.v24i1.2150>. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2150>. Acesso em: 9 abr. 2024.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 5. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2013.



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GOMES, Candido Alberto; VASCONCELOS, Ivar César Oliveira de; COELHO, Silvia Regina dos Santos (org.). **Ensino Médio: impasses e dilemas**. Brasília, DF: Cidade, 2018.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1995.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo, SP: Centauro, 2004.

LURIA, Aleksandr Romanovich. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico sociais. *In*: LURIA, Aleksandr Romanovich. **Curso de Psicologia Geral: Introdução Evolucionista à Psicologia**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1991. v. 1.

LURIA, Aleksandr Romanovich. **Fundamentos de Neuropsicologia**. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, SP: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância do social**. São Paulo, SP: Summus Editorial, 1998.

PINO, Angel. As marcas do humano: pistas para o conhecimento da nossa identidade pessoal. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 142, p. 227-236, jan./mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018191029>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/nCy5YrtTjLmy4rL4Zx8Ns9C/?lang=pt>. Acesso em: 8 abr. 2024.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Organização de Michael Coli *et al.* Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fonseca, 2007. (Psicologia e Pedagogia).

